

DO ENVOLVIMENTO CRISTÃO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: UMA PERSPECTIVA REFORMADA

*Jean Francesco A. L. Gomes**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo responder a seguinte pergunta: como os cristãos devem se engajar com as tecnologias digitais? O autor argumenta que a doutrina da vida comum desenvolvida pelos reformadores continua sendo promissora se aplicada aos recentes dilemas da era digital. Em primeiro lugar, o artigo introduz a doutrina reformada de vocação destinada a uma santa interação no mundo. Em seguida, o autor define o conceito de tecnologia digital e apresenta os desafios impostos por ela. Por fim, o autor sugere algumas disciplinas digitais para orientar o uso cristão intencional dessas tecnologias. Em linhas gerais, o autor reconhece a utilidade das tecnologias digitais como expressões da criatividade humana, sem ser ingênuo diante do potencial perigoso e idólatra que elas possuem.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia da vida comum; Doutrina da vocação cristã; Tecnologia; Tecnologias digitais; Vida cristã; Cosmovisão reformada.

INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais mudaram muito a vida das pessoas no século XXI. Uma pesquisa recente, por exemplo, indica que o americano médio

* O autor é pastor presbiteriano, bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (2009) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2016), mestre em Teologia Sistemática pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (2017) e doutorando em Teologia (Ph.D.) pelo Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan.

gasta quase 24 horas por semana na internet.¹ Indiscutivelmente, a tecnologia facilita a comunicação, o acesso à informação e a realização de compras, além de proporcionar diferentes formas de entretenimento. Porém, estudos mostram que o uso indevido das tecnologias digitais tem trazido efeitos colaterais na qualidade das relações interpessoais,² gerado novos vícios virtuais³ e até mesmo afetado o funcionamento do cérebro.⁴ Diante desse quadro, qual deve ser a postura cristã frente aos desafios digitais?

Neste estudo, argumento que a doutrina da vida comum desenvolvida pelos reformadores continua sendo promissora quando aplicada aos recentes dilemas da era digital. Os puritanos ingleses, por exemplo, criaram o conceito de “afeições desmamadas”,⁵ que nos incentiva a amar as coisas do mundo como se fossem presentes divinos, mas nos mantendo *desmamados* do mundo para que ele não tome o lugar de Deus. A partir dessa perspectiva, mantenho a tese de que a tecnologia digital é benéfica como expressão da criatividade humana, mas também possui um potencial adverso. Ao adotar essa abordagem, destaco alguns pontos para ajudar os cristãos a reconhecerem os pontos positivos da tecnologia digital sem que sejam ingênuos diante de seu poder nocivo e idólatra.

Inicialmente, apresento os princípios gerais da teologia reformada da vocação, destinada a uma santa interação no mundo. Em seguida, concentro-me no que os estudiosos têm articulado sobre os desafios impostos atualmente pela vida virtual. Por fim, comento sobre algumas disciplinas digitais das quais os cristãos podem fazer uso a fim de utilizar as tecnologias digitais de forma mais criteriosa.

1. TEOLOGIA PARA A VIDA COMUM

Charles Taylor afirma que nenhum movimento teve importância histórica tão grande para a afirmação da vida comum quanto o Puritanismo.⁶ Ele

¹ LEBO, Harlan. *Surveying the Digital Future: The 16th annual study on the impact of digital technology on Americans*. Los Angeles, CA: University of Southern California, 2018, p. 6. Disponível em: <https://www.digitalcenter.org/wp-content/uploads/2018/12/2018-Digital-Future-Report.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2019.

² TURKLE, Sherry. *Reclaiming Conversation: The Power of Tal in a Digital Age*. New York: Penguin Press, 2015, p. 103-292.

³ ADAMS, Margaret E. *Internet Addiction: Prevalence, Risk Factors and Health Effects*. Psychology Research Progress. Hauppauge, NY: Nova Science Publishers, 2016. Para os efeitos nocivos da tecnologia digital em crianças e adolescentes, ver YOUNG, Kimberly S.; ABREU, Cristiano Nabuco de. *Internet Addiction in Children and Adolescents: Risk Factors, Assessment, and Treatment*. New York: Springer Publishing Company, 2017.

⁴ CARR, Nicholas. *The Shallows: What Internet is Doing to Our Brains*. New York: Norton, 2010, p. 44-113.

⁵ Do inglês “*weaned affections*”. Consiste na ideia que os puritanos tinham sobre a relação cristão-mundo de que se devia amar o mundo, mas permanecer desmamado dele assim como uma criança do seio da mãe.

⁶ TAYLOR, Charles. *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992, p. 211-33.

sugere que todo o desenvolvimento moderno da afirmação da vida comum foi renunciado e iniciado na espiritualidade dos reformadores, especialmente os calvinistas e mais particularmente os puritanos.⁷ Ao resgatar a compreensão puritana da vocação e tentar aplicá-la atualmente, não proponho um “transplante de estilo de vida” do século XVII para o século XXI, mas defendo que alguns princípios que os puritanos desenvolveram em seu contexto permanecem promissores para nós, na medida em que são recontextualizados para a nossa realidade. Para compreendermos melhor o significado da apreciação reformada da vida comum, três questionamentos são indispensáveis: *por quê?*, *qual o objetivo?* e *como os cristãos devem interagir com o mundo?*

Por que os cristãos devem estar inseridos no mundo? Para os reformadores, participar da vida comum faz parte da proposta divina para o ser humano. João Calvino escreveu que os seres humanos foram criados por Deus para interagir nas diversas atividades da vida, e que nenhum sacrifício é mais agradável aos olhos de Deus do que quando alguém diligentemente põe em prática o seu chamado, a fim de contribuir para o benefício de todos.⁸ Calvino rejeitou o conceito medieval de que se abster da vida cotidiana e se dedicar somente ao serviço de Deus era a forma perfeita da vida cristã.⁹ Como Lee Hardy o interpreta,

tornamo-nos mais semelhantes a Deus não quando nos afastamos de uma ação, mas sim quando nos dedicamos a ela. Pois Deus não é o intelecto frio e puro dos filósofos pagãos, mas uma pessoa completa, ativamente envolvida no governo e na redenção deste mundo.¹⁰

Taylor argumenta que os reformadores inovaram ao negar a teologia dualística que separava a vida divina da vida comum. Ele explica que, enquanto nas culturas católicas o termo *vocação* geralmente aparecia conectado ao sacerdócio ou à vida monástica, o “emprego mais chulo era um chamado divino para os puritanos”.¹¹ Enquanto os pensadores medievais menosprezavam a

⁷ Ibid., p. 216, 218, 223, 227.

⁸ CALVIN, John. *A Commentary on the Harmony of the Evangelists*. Vol. 2. Trad. William Pringle. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949, p. 143.

⁹ Essa visão foi defendida no início do século IV por Eusébio de Cesareia: “Dois modos de vida foram dados pela lei de Cristo à sua igreja. Um está acima da natureza, e vai além da vida humana comum... Total e permanentemente separado da vida costumeira da humanidade, deve ser dedicado apenas ao serviço de Deus... Essa é a forma perfeita da vida cristã. E o outro, mais humilde, mais humano, permite que os homens... tenham pensamentos voltados para a agricultura, o comércio e para os outros interesses mais seculares, bem como para a religião... E um tipo de piedade secundária é atribuída a eles”. Apud FORRESTER, R. W. *Christian Vocation*. New York: Scribner, 1953, p. 42.

¹⁰ HARDY, Lee. *The Fabric of this World: Inquiries into Calling, Career Choice, and the Design of Human Work*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990, p. 57.

¹¹ TAYLOR, *Sources of the Self*, p. 223.

vida ativa como zonas de subdesenvolvimento espiritual e supervalorizavam a vida contemplativa como uma aspiração espiritual mais nobre, os puritanos rejeitavam essa divisão sagrado-secular, afirmando o valor intrínseco e espiritual da vida comum.¹² Desse modo, o repúdio reformado ao monasticismo foi uma reafirmação da vida ativa como um *locus* central para o cumprimento do propósito de Deus; pois a existência cristã plena deveria ser obtida por meio de atividades desta vida, do chamado de um indivíduo, do casamento e da família.¹³

William Perkins¹⁴ retratou a interação cristã no mundo distinguindo o chamado geral do chamado particular de Deus aos seres humanos:

O chamado *geral* é o chamado da cristandade, que é comum a todos àqueles que vivem na Igreja do Senhor. O *particular* é um chamado especial a um determinado indivíduo, como o chamado de um governador, o chamado de um pastor, o chamado de um mestre, de um pai, de um filho, de um servo, de um sujeito ou qualquer outro chamado que seja comum a todos.¹⁵

Ao traçar essa distinção, Perkins defendia que a espiritualidade cristã é completa somente quando nosso chamado geral é associado ao nosso chamado particular.

Perkins escreveu: “A ação de um pastor ao cuidar das ovelhas... é uma obra tão boa diante de Deus quanto à ação de um juiz ao dar uma sentença, de um governador ao governar, ou de um pastor ao pregar”.¹⁶ Se o próprio Jesus se submeteu ao trabalho, afirmou Hugh Latimer, todos os tipos de trabalho devem ser dignos. Latimer escreveu: “O Salvador do mundo... não se envergonhou de trabalhar, nem de ter uma ocupação tão simples. Com isso, Ele santificou todos os tipos de trabalho”.¹⁷ Portanto, Perkins denunciou os cristãos que não se envolviam na vida comum, revelando a hipocrisia de sua espiritualidade:

¹² Ibid., p. 215, 217, 220-21.

¹³ Ibid., p. 218.

¹⁴ “A influência de Perkins foi particularmente forte sobre esses homens que ocupavam posições de liderança no puritanismo no início do século XVII. Isso se aplicou a William Ames, um de seus alunos, a Preston, a Sibbes e a John Cotton. Esses homens, junto com homens como Thomas Hooker e Thomas Shepard, continuaram a ênfase protestante sobre o conceito de vocação”. MICHAELSEN, Robert S. “Changes in the Puritan Concept of Calling or Vocation”. *The New England Quarterly* 26, n. 3 (1953): 319.

¹⁵ PERKINS, William. “A Treatise of the Vocations of Callings of men, with the sorts and kinds of them, and the right use of them”. In: *The Works of that Famous and Worthy Minister of Christ in the University of Cambridge, Mr. William Perkins*. Vol. 1. London, 1612-1637, p. 752. Grifo meu. Os neocalvinistas ou a tradição kuyperiana costumam falar desse “chamado particular” usando a expressão “mandato cultural”. Para um livro recente que adota essa abordagem, ver EDGAR, William. *Created and Creating: A Biblical Theology of Culture*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 2017.

¹⁶ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 758.

¹⁷ RYKEN, Leland. *Wordly Saints: The Puritans as They Really Were*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1990, p. 25.

Também podemos discernir uma falha comum na vida de muitos homens que se mostram prontos e dispostos a ouvir a palavra de Deus. De fato, eles podem aceitá-la, receber o Sacramento e se dizerem membros de Cristo; e todos esses são deveres do primeiro chamado geral. Mas vá além e observe seus chamados particulares, e lá você não encontrará absolutamente nada – tudo está fora de controle. Alguns são agiotas e opressores; outros são monopolizadores; alguns usam falsos pesos e medidas... Talvez essas pessoas considerem que está tudo bem quando cumprem alguns deveres de seu chamado geral. Porém, quando não cumprem os deveres de seus chamados particulares, elas se perdem... Se não praticam os deveres da piedade em seus próprios chamados particulares, revela-se a hipocrisia.¹⁸

Outra questão relevante está relacionada ao envolvimento cristão com o mundo. A primeira e principal resposta a essa pergunta, de acordo com os reformadores, é a glória de Deus. Calvino ensinou que o corpo humano e a vida de qualquer indivíduo não pertencem a ele, mas a Deus. Por esse motivo, se alguém possui algum tipo de talento, há de se saber que ele não vem de sua própria capacidade, mas de Deus, e por isso esse talento deve ser utilizado somente para a glória de Deus, e não para a elevação pessoal.¹⁹ Perkins também afirma que todos os tipos de chamados devem “servir principalmente a glória de Deus, independentemente da pequenez desse chamado”.²⁰ Ele explica que a simplicidade do chamado não prejudica a bondade do trabalho. Pois Deus não se importa com o grau de perfeição de um trabalho, mas sim com a intenção do coração de quem o faz.²¹ Por isso, a motivação cristã em qualquer atividade da vida comum deve ser a busca da glória de Deus, e não a obtenção de realização pessoal, lucro ou coisas do tipo.

A glória de Deus também é uma ferramenta que equilibra o amor cristão pelo mundo. Embora os cristãos desfrutem das coisas que Deus lhes deu na criação, eles devem aproveitar o mundo enquanto permanecem desapegados dele. Isso significa que os cristãos devem amar o mundo como uma criação de Deus, mas ao mesmo tempo odiá-lo, na medida em que voltam sua atenção para as criaturas e não para o Criador. Para evitar a tentação, os puritanos desenvolveram uma noção paradoxal de que os cristãos devem apreciar o mundo com *afeições desapegadas*. Por exemplo, Increase Mather, presidente do Harvard College por 20 anos, aconselhou os cristãos a usufruírem das coisas do mundo,

¹⁸ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 757.

¹⁹ CALVIN, John. *Commentary upon the Epistle of Saint Paul to the Romans*. Edinburgh, 1844, p. 229; *Commentaries on the Epistles of Paul the Apostle to the Philippians, Colossians, and Thessalonians*. Edinburgh, 1851, p. 305. Ver também MICHAELSEN, “Changes in the Puritan Concept of Calling”, p. 317.

²⁰ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 758.

²¹ *Ibid.*, p. 758.

“mas não se apearem a elas, se *desmamarem* delas, como se você as tivesse utilizado, mas ao mesmo tempo se absteio”.²²

Além disso, os puritanos acreditavam que a finalidade de todo chamado era o bem comum. A partir da narrativa da criação, eles concluíram que Deus criou a humanidade como um ser social e, por isso, “o propósito divino para a vida humana é que trabalhem para obter benefícios mútuos”.²³ Cotton Mather explica: “É natural que a sociedade humana receba benefícios proporcionados por nós [cristãos]. Somos capazes de fazê-lo por meio dos trabalhos especiais para os quais somos designados, de acordo com a ordem de Deus”.²⁴ Hardy também observa que a compreensão puritana de sociedade foi influenciada pela metáfora de Paulo sobre o corpo em 1 Coríntios 12.²⁵ No pensamento de Perkins, a família é um corpo, toda igreja é um corpo, e a sociedade também é um corpo distinto. Composto por diversos membros, cada corpo da sociedade possui um objetivo claro: o benefício, a felicidade e o bem-estar da humanidade. Ele afirma:

O bem comum dos homens é baseado nisso: não apenas que eles vivam, mas que vivam bem, em retidão e santidade, e, conseqüentemente, alcancem a verdadeira felicidade. Para fazê-lo, Deus ordenou todos as vocações e, em sua providência, designou as pessoas para exercê-las.²⁶

Nesta perspectiva orgânica da sociedade, que atitude é vista como um impedimento para o bem comum? A resposta é o isolamento do corpo. John Preston disse que devemos trabalhar “não para benefício próprio, mas para o bem dos outros”.²⁷ John Cotton afirmou que, em relação a nosso chamado, “devemos não apenas visar o nosso benefício próprio, mas o bem comum... E, por isso, [a fé] não deve ser considerada um chamado fácil, a menos que também sirva outras pessoas, além de você próprio”.²⁸ Assim, o conceito puritano de vocação considerou o individualismo ou a busca do bem individual como uma corrupção do chamado de Deus e um perigo para a sociedade.²⁹

A interação cristã no mundo também é afirmada porque Deus deu dons para toda a humanidade. Os reformadores acreditavam que Deus não nos criou como indivíduos suficientes para nós mesmos. Hardy explica: “Não podemos, sozinhos, por meio de nossos próprios esforços, suprir todas as nossas deman-

²² TAYLOR, *Sources of the Self*, p. 223.

²³ HARDY, *The Fabric of this World*, p. 58.

²⁴ RYKEN, *Wordly Saints*, p. 23, 31.

²⁵ HARDY, *The Fabric of the World*, p. 62.

²⁶ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 751.

²⁷ RYKEN, *Wordly Saints*, p. 30.

²⁸ *Ibid.*, p. 31.

²⁹ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 751.

das, até mesmo as necessidades corporais básicas”. Para isso, dependemos de outras pessoas, do mesmo modo que elas precisam de nós. Isso demonstra a intenção de Deus, de que os seres humanos devem conviver em uma sociedade, unidos por necessidades comuns e pelo trabalho mútuo. Para esse propósito, Deus dá diferentes dons à humanidade, para que cada pessoa possa ocupar seu lugar na vida cotidiana e exercer seus dons para o bem comum.³⁰ Portanto, Perkins concluiu que não utilizar esses dons pode ser considerado uma ofensa a Deus e ao próximo.³¹

A última pergunta desta seção é *como ou por qual método os cristãos devem interagir no mundo?* A resposta básica é: trabalhar em nosso chamado particular como se este fizesse parte do chamado geral. Como Perkins ensinou, toda vocação particular deve ser praticada dentro do contexto e em conjunto com a vocação cristã geral.³² Em outras palavras, os cristãos devem estar no mundo, mas não fazer parte dele. Mas o que isso significa? Para responder essa pergunta, os cristãos devem entender a relação de sua devoção com a vida no mundo, como santificar todos as suas ocupações e como fazer um uso sábio do tempo.

Primeiro, devemos reconhecer que servimos a Deus ao servir outras pessoas. Este pensamento faz com que toda atividade da vida comum seja importante, “tornando-a um espaço para glorificar e obedecer a Deus e para expressar o amor (por meio do serviço) ao próximo”.³³ Thomas Shepard ensinou que os cristãos devem se ver como funcionários de Cristo no mundo.³⁴ Em geral, os puritanos acreditavam que a vida comum é santificada não pelo nível de nobreza do trabalho realizado, mas em como e para quem é feito. Por isso, quando um cristão serve seu próximo por meio do seu trabalho, sabendo que, deste modo, estará servindo a Deus, esse trabalho, segundo os puritanos, é santo.

Segundo, devemos evitar os vícios e praticar as virtudes a fim de santificar nossas atividades.³⁵ Há pelo menos três vícios que os calvinistas ingleses frequentemente condenavam. São eles a idolatria, o individualismo e a ociosidade.³⁶ O primeiro vício nega o principal propósito da vida, que é a glória de

³⁰ HARDY, *The Fabric of the World*, p. 60.

³¹ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 756.

³² Ibid.

³³ RYKEN, *Wordly Saints*, p. 25.

³⁴ SHEPARD, Thomas. *Certain Select Cases Resolved Specially Tending to the Right Ordering of the Heart, that We May Comfortably Walk with God in Our General and Particular Callings*. London: Printed by W.H. for John Rothwell, 1650, p. 10.

³⁵ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 767.

³⁶ Ver Ibid., p. 767, 752, 764. Ver também RYKEN, *Wordly Saints*, p. 31-35.

Deus; o segundo vai contra o bem comum; o terceiro profana a própria pessoa, que desperdiça seu tempo em vez de exercer seus dons.

Para os puritanos, a idolatria era a tentação de encontrar o significado e o propósito da vida no trabalho, na riqueza, nos relacionamentos, no poder ou nas coisas do mundo, em vez de procurar isso em Deus. Taylor destaca que, por causa do pecado, os seres humanos se preocupam com as coisas do mundo não por causa de Deus, mas por causa de si próprios. Eles passam a cobiçar essas coisas como se fossem objetivos de vida, e não mais como instrumentos para os propósitos de Deus. Ele continua:

E isso perturba toda a ordem das coisas. Os seres humanos foram feitos para trazer o resto da criação diante de Deus. Mas quando eles se voltam para tornar as próprias criaturas o fim principal, a humanidade e as criaturas perdem a sua relação adequada com o Criador.³⁷

Para resolver esse problema, Perkins apresenta duas soluções: satisfação em Deus e vida frugal. Ou seja, para evitar a idolatria na vida comum, devemos primeiramente colocar nossa satisfação somente em Deus e depois nos determinarmos a “não procurar nada além daquilo que é necessário e suficiente para nós”.³⁸ Em vez de encontrar significado nas coisas do mundo, os puritanos incentivavam as pessoas a usar as coisas do mundo como um meio de se encontrarem em Deus.

Os puritanos também eram conhecidos por confrontar todas as formas de individualismo e ambições egoístas. No entanto, alguém pode questionar: “O puritanismo considerava o trabalho como o meio pelo qual as pessoas podem obter seu próprio sucesso e sua riqueza?” Em contramão ao senso comum disseminado por alguns sociólogos, Ryken afirma que “o calvinismo não ensina uma ética de autoconfiança, como nossa ética de trabalho moderna faz. Ao contrário disso, é uma ética de graça: sejam quais forem as recompensas do trabalho, elas são o dom da graça de Deus”.³⁹ Ao escrever contra o vício da ganância e a busca desenfreada da riqueza, Richard Baxter aconselha: “Escolha uma carreira ou um chamado em que você possa ser mais útil a Deus. Não escolha o caminho que lhe traga o máximo de riqueza ou honra, mas o caminho em que você fará o máximo de bem e mais se afastará de pecar”.⁴⁰ Para lutar contra nossa inclinação individualista, devemos restringir nosso desejo de sermos servidos e procurar atender às necessidades do mundo. A

³⁷ TAYLOR, *Sources of the Self*, p. 221.

³⁸ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 768.

³⁹ RYKEN, *Worldly Saints*, p. 32.

⁴⁰ BAXTER, Richard. “A Christian Directory”. In: GREEN, R. W. (Ed.). *Protestantism and Capitalism: The Weber Thesis and Its Critics*. Boston: D. C. Heath, 1959, p. 72.

fim de cumprir este propósito, o cristão precisa agir com fé e amor e manter sua disciplina de oração.⁴¹

Do mesmo modo, a fé reformada tem uma forte exortação em relação à ociosidade. Por exemplo, os puritanos costumavam dizer que “corpo ocioso ou mente ociosa são a oficina do diabo”.⁴² Thomas Watson pregava que “Deus abençoará nossa diligência, não a nossa preguiça”.⁴³ Perkins advertiu as pessoas ricas de sua congregação que viviam exclusivamente para o entretenimento e negligenciavam sua vocação:

É triste e condenável que aqueles que são agraciados com riquezas e posses passem seus dias comendo e bebendo, praticando esportes e se divertindo, e não se dedicando ao serviço da Igreja ou da comunidade. Podemos pensar que essas pessoas têm uma vida feliz, mas na verdade é o contrário – considerando que todos, ricos ou pobres, homens ou mulheres, devem ter um chamado particular, no qual devem trabalhar para o bem comum, de acordo com a medida dos dons que Deus lhes concedeu.⁴⁴

A fim de solucionar a questão da ociosidade, bem como do trabalho em excesso, os reformadores estimularam suas congregações a trabalharem diligentemente e fazerem uso litúrgico-sacramental de seu tempo cotidiano.⁴⁵ Com as palavras “litúrgico” ou “sacramental”, os puritanos se referiam ao uso disciplinado do tempo, que deveria ser consistente com os chamados particulares e gerais do cristão.⁴⁶ Eles consideravam cada dia como uma liturgia de 24 horas ou como um culto que prestamos a Deus. Portanto, administrando bem o seu tempo, Shepard pregou que os cristãos deveriam separar um tempo do dia para meditação e um tempo para o trabalho.⁴⁷ Ele enfatizou a necessidade de coordenar a devoção e o trabalho, subordinando nossas atividades comuns

⁴¹ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 772.

⁴² Ibid., p. 752.

⁴³ WATSON, Thomas. *The Beatitudes*. Edinburg: Banner of Truth Trust, 1977, p. 257.

⁴⁴ PERKINS, “A Treatise of the Vocations”, p. 756.

⁴⁵ R. H. Tawney observa: “Para o puritano, aquele que despreza as vãs demonstrações de sacramentalismo, o trabalho mundano se torna uma espécie de sacramento... [O puritano] refaz, não apenas seu próprio caráter, hábitos e modo de vida, mas família e igreja, indústria e cidade, instituições políticas e ordem social”. In: *Religion and the Rise of Capitalism*. London: Penguin Books, 1948, p. 199-200.

⁴⁶ Para um uso moderno do termo “litúrgico” aplicado ao modo de vida cristão no mundo, ver: SMITH, James K. A. *Desiring the Kingdom: Worship, Worldview, and Cultural Formation*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2009; *Imagining the Kingdom: How Worship Works*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2013; e *Awaiting the King: Reforming Public Theology*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2017. Ver também WARREN, Tish H. *Liturgy of the Ordinary: Sacred Practices in Everyday Life*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 2016; EARLEY, Justin W. *The Common Rule: Habits of Purpose for an Age of Distraction*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 2019.

⁴⁷ SHEPARD, *Certain Selected Cases*, p. 7.

aos “negócios da adoração”, e não visando alguma satisfação pessoal.⁴⁸ Por exemplo, citando Eclesiastes 3, ele argumentou que o tempo deveria ser administrado em períodos. Há um período para adorar a Deus e outro para “atribuições do mundo”. Quando os assuntos cotidianos tomam todo o seu tempo, ele diz que “a natureza coloca a graça em cativeiro”. Da mesma forma, cometemos um grande pecado quando paramos de trabalhar sob o pretexto de buscar a santidade – como foi o caso dos monges.⁴⁹

George Swinnock enfatizava que nosso envolvimento com a vida comum não deveria entrar em conflito com nosso chamado geral. Para ele, os cristãos deveriam separar tempo para: (1) pensar em Deus, (2) cumprir com as obrigações dominicais, (3) se envolver em conversas religiosas,⁵⁰ (4) orar todos os dias em uma hora definida e (5) ler a Palavra de Deus regularmente. Portanto, ao se comprometer com essas atividades, o cristão não deve permitir que seu chamado particular entre em conflito com seu chamado geral.⁵¹

Devido à sua compreensão da vida ativa no mundo como serviço prestado a Deus para o bem comum, a ética puritana teve uma grande influência no desenvolvimento da ciência e da tecnologia no século XVII.⁵² Robert Merton argumenta que os puritanos tinham um interesse particular na educação, pois viam a investigação da natureza como um método de conhecer e glorificar a Deus. Merton observa que

o principal foco da educação deve ser religioso, é claro, mas como nem todos aqueles que buscam instrução são igualmente adequados para o ministério, é possível servir melhor ao bem comum, seguindo a inclinação individual na escolha de outros chamados legítimos e desejáveis.⁵³

Os puritanos consideravam que a matemática fazia parte do “conhecimento orgânico”, e incentivavam o estudo de várias línguas, uma vez que isso facilitava adquirir conhecimento sobre as coisas, e diziam que a física era sua disciplina científica favorita, pois representava o estudo de Deus em suas obras.⁵⁴ Por esses motivos, “a religião aprovou a ciência e elevou a estima social daqueles

⁴⁸ Ibid., p. 10-11. Ver também MICHAELSEN, “Changes in the Puritan Concept of Calling”, p. 323.

⁴⁹ SHEPARD, *Certain Selected Cases*, p. 7.

⁵⁰ Para um artigo mais recente sobre a função da conversa na teologia puritana, ver: JUNG, Joanne J. *The Lost Discipline of Conversation: Surprising Lessons in Spiritual Formation Drawn from the English Puritans*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2018.

⁵¹ MICHAELSEN, “Changes in the Puritan Concept of Calling”, p. 327.

⁵² MERTON, Robert K. *Science, Technology and Society in Seventeenth-Century England*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1938, p. 418.

⁵³ BAXTER, Richard. “A Christian Directory”. In: MERTON, *Science, Technology and Society*, p. 428.

⁵⁴ MERTON, *Science, Technology and Society*, p. 428-30.

que buscavam a investigação científica com a intensificação e a disseminação dos interesses associados a essas atividades”.⁵⁵

Os puritanos também santificaram a ciência devido à sua utilidade para o bem comum. Diferentemente da escolástica medieval, os puritanos redefiniram os conceitos de razão e conhecimento. Enquanto os escolásticos definiam a razão em termos de lógica, os puritanos a entendiam como lógica subordinada à observação dos fatos.⁵⁶ Além disso, em vez de ser um meio de contemplação, os puritanos sustentavam que o verdadeiro conhecimento devia ser avaliado de acordo com sua utilidade.⁵⁷ Merton defende que essa nova visão da razão, associada a uma abordagem utilitária da ciência, caracteriza tanto o puritanismo quanto a ciência moderna. Assim, vistas como maneiras de glorificar a Deus e melhorar a vida humana, novas descobertas na ciência e na tecnologia ganharam uma apreciação importante para os puritanos. Baxter ilustra essa abordagem científica positiva, comentando como novas descobertas aumentam a felicidade humana:

Que felizes foram os inventores da carta náutica e da atração magnética, e da impressão e das armas, em suas invenções! Que feliz foi Galileu com seus telescópios, descobrindo as desigualdades e as partes sombrias da lua, os planetas mediceanos [luas de Júpiter], os 62 satélites de Saturno, as mudanças de Vênus, as estrelas da Via Láctea.⁵⁸

2. DESAFIOS DIGITAIS

Após definir as razões, os objetivos e a metodologia dos reformadores para ter uma vida santificada no mundo, apresento agora *o que é tecnologia digital e por que isso é importante para os cristãos*.

Nicholas Carr define as tecnologias como as ferramentas que suplementam ou amplificam nossas capacidades inatas. Essas tecnologias podem ser

⁵⁵ Ibid., p. 431.

⁵⁶ Ibid., p. 430.

⁵⁷ BAXTER, Richard. “A Christian Directory”. In: MERTON, *Science, Technology and Society*, p. 431.

⁵⁸ Ibid., p. 435. Para mais informações sobre a teologia puritana e a busca da ciência e da tecnologia, ver: HILL, Christopher. *Intellectual Origins of the English Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 1965; DILLENBERGER, John. *Protestant Thought and Natural Science*. Garden City, NY: Doubleday, 1960; MORGAN, John. “Puritanism and Science: A Reinterpretation”. *The Historical Journal* 22, n. 3 (1979): 535-60; GREAVES, R. “Puritanism and Science: The Anatomy of a Controversy”. *Journal of the History of Ideas* 30, n. 3 (1969): 345-68; BERNARD, Cohen I.; DUFFIN, K. E.; STRICKLAND, Stuart. *Puritanism and the Rise of Modern Science: The Merton Thesis*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1990; MULLIGAN, Lotte. “Puritans and English Science: A Critique of Webster”. *Isis* 71, n. 3 (1980): 456-69; HOOYKAAS, R. “Science and Reformation”. *Journal of World History* 111, n. 3 (1956): 108-39; Stearns, R. P. “The Scientific Spirit in England in Early Modern Times”. *Isis* XXXIV (1943): 292-312.

divididas em quatro categorias. A primeira, que abrange o arado, a agulha de cerzir e o avião de combate, amplia nossa força física, destreza ou resiliência. A segunda, que inclui o microscópio, o amplificador e o contador Geiger, amplia o alcance ou a sensibilidade de nossos sentidos. A terceira, abrangendo tecnologias como represas, a pílula anticoncepcional e o milho transgênico, nos permite remodelar a natureza para melhor atender às nossas necessidades ou aos nossos desejos.⁵⁹ A quarta categoria inclui todas as ferramentas que utilizamos para ampliar ou apoiar nossos poderes mentais, as famosas “tecnologias intelectuais”. Carr sugere que usemos essas tecnologias “para encontrar e classificar informações, formular e articular ideias, compartilhar conhecimentos, fazer medições e realizar cálculos, a fim de expandir a capacidade de nossa memória”.⁶⁰ Por isso, o mapa, o relógio, a máquina de escrever, o ábaco, a régua de cálculo, o sextante, o globo, o livro, os jornais, o computador e a internet são todas tecnologias intelectuais.

Para Carr, as tecnologias intelectuais são as mais importantes de todas, devido ao seu poder duradouro sobre o que e como pensamos.⁶¹ Ele sugere que o livro e a internet são, sem dúvida, as mais revolucionárias. A invenção do livro forçou os humanos a refletirem mais. Carr observa que ler um livro é praticar um processo de pensamento não natural, que exige atenção constante e contínua em um único objeto estático. O livro exige que os leitores treinem seus cérebros para ignorar tudo o que está acontecendo ao seu redor, resistindo ao desejo de mudar o foco de uma sugestão sensorial para outra. Como resultado, os leitores não só se tornam mais eficientes, mas também mais atentos. Ler um longo livro em silêncio exige uma capacidade de se concentrar intensamente por um longo período de tempo.⁶² Após a invenção de Gutenberg,

os limites da linguagem se expandiram rapidamente à medida que os escritores, competindo pelos olhos de leitores cada vez mais sofisticados e exigentes, se esforçavam para expressar ideias e emoções com maior clareza, elegância e originalidade.⁶³

Por outro lado, ao combinar diferentes tipos de informação em uma única tela, o advento da internet fragmenta o conteúdo e atrapalha nossa concentração.⁶⁴ Como uma máquina de poder imensurável, a internet está absorvendo a maioria de nossas outras tecnologias intelectuais. Carr aponta que a rede está se tornando nossa máquina de escrever, nossa máquina de imprimir, nosso mapa

⁵⁹ CARR, *The Shallows*, p. 44.

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Ibid., p. 45.

⁶² Ibid., p. 63-64.

⁶³ Ibid., p. 75.

⁶⁴ Ibid., p. 91.

e relógio, nossa calculadora, nosso telefone, nosso correio, nossa biblioteca, nosso rádio, nossa TV, nosso cinema, nossa fonte de entretenimento e de trabalho, entre outros.⁶⁵ Consequentemente, a mudança do papel para a tela não somente muda a maneira como lemos um pedaço de papel. Ela também muda o nível de atenção e o grau de imersão de que precisamos para ler. Carr observa que “as distrações em nossas vidas estão se proliferando há muito tempo, mas nunca atingiram um ponto que, assim como a rede, foram programadas para perturbar nossa atenção de modo tão insistente”.⁶⁶

Em resumo, Carr defende a tese de que a tecnologia digital está melhorando nosso raciocínio primitivo (capacidade de realizar múltiplas tarefas e visualizar) ao passo que diminui nossa maneira mais sofisticada de pensar, que nos treinou para sermos pensadores mais atentos. Ele ressalta que as tecnologias intelectuais não são neutras, uma vez que “incorporam uma ética intelectual, um conjunto de suposições sobre como a mente humana funciona ou deve funcionar”.⁶⁷ Os inventores e os usuários de tecnologia raramente reconhecem sua ética intelectual. Carr acredita que a maioria das pessoas minimiza o poder da tecnologia, “acreditando que as ferramentas são artefatos neutros, inteiramente subservientes aos desejos conscientes de seus usuários”.⁶⁸ Deste modo, em vez de ficar ingênuos quanto à suposta neutralidade dessas tecnologias, Carr sugere que devemos estar cientes de que muitas de nossas rotinas de vida seguem caminhos estabelecidos por tecnologias que começaram a ser utilizadas muito antes de nascermos.⁶⁹

Mas afinal, por que os cristãos devem se preocupar com as novas tecnologias digitais? Acredito que muitos cristãos não percebem o quanto suas vidas estão mudando por causa da internet. Assim como a maior parte da sociedade, os cristãos são tentados a ver as tecnologias digitais como instrumentos neutros, esquecendo-se de que essas tecnologias também têm uma ética intelectual enraizada, ou seja, um modo de ser, pensar e agir no mundo que vai contra a fé cristã. Por exemplo, o filósofo cristão James K. A. Smith argumenta que

toda tecnologia é acompanhada por um modo de prática corporal. Portanto, mesmo que o computador seja primariamente um processador de informações, ele nunca reduzirá nosso papel a meros “pensadores”, pois o computador exige algum tipo de interação corporal: se estamos debruçados sobre uma mesa,

⁶⁵ Ibid., p. 83.

⁶⁶ Ibid., p. 113.

⁶⁷ Ibid., p. 45.

⁶⁸ Ibid., p. 46.

⁶⁹ Ibid., p. 47. Smith afirma que “práticas que parecem ser insignificantes podem ter grandes efeitos: pequenos hábitos que parecem ser inofensivos são, de fato, formações disciplinares que começam a reconfigurar nossa relação com o mundo em geral – na verdade, elas começam a construir este mundo”. *Imagining the Kingdom*, p. 143.

colados a uma tela; se estamos olhando para baixo, para um smartphone, nossa atenção desviada dos outros na mesa; ou se estamos encolhidos no sofá, tocando na tela de um tablet, em todos os casos há comportamentos corporais que cada tipo de dispositivo requer. Há muito tempo que a Apple entendeu a natureza corporal dessa interação. Em relação a isso, nós não damos o valor que deveríamos à revolução que as telas de toque nos trouxeram: um novo modo de interação corporal e tátil, um nível de intimidade até então inimaginável com as máquinas.⁷⁰

Smith chama nossa atenção para o que ele chama de “iPhonização da nossa visão de mundo”. Seu argumento básico é que o iPhone nos convida a viver no mundo de um jeito diferente, presumindo que a ferramenta – e, por consequência, o mundo – existe para nos servir e estar sempre à nossa disposição. Smith explica:

O modo de se relacionar com o celular se tornou o modo de se relacionar com o mundo. As práticas de manipular um pequeno dispositivo agora foram expandidas para mostrar como realmente gostaríamos de manipular nosso ambiente para atender às nossas necessidades e estar sujeito aos nossos caprichos. E enquanto ainda não arrastamos nossos dedos na nossa frente para mudar o ambiente, talvez, inconscientemente, começemos a esperar que o mundo se amolde aos nossos desejos, como faz o iPhone. Ou, implicitamente, começo a esperar que eu seja o centro de meus próprios ambientes e que o que me rodeia exista para mim. Em resumo, minha relação com o meu iPhone – que parece insignificante – é prescrita como uma relação “iPhonizada” com o mundo, uma “iPhonização” do meu (da minha visão de) mundo.⁷¹

Considerando a falta de neutralidade das tecnologias digitais e seu impacto em nossa vida moderna, quais seriam os prós e os contras de interagir com elas? Acredito que as tecnologias digitais oferecem diversos benefícios para a vida cotidiana. Em primeiro lugar, a internet está diminuindo a distância dos relacionamentos entre amigos, parentes, nações e pessoas em todo o mundo. Por meio de aplicativos de chamada de vídeo, por exemplo, minha esposa e eu, atualmente residindo nos Estados Unidos, entramos em contato com nossos parentes no Brasil quase todos os dias. Embora essa tecnologia de chamada de vídeo não substitua o relacionamento real que temos com nossa família e nossos amigos, ela realmente nos ajuda a superar a distância – algo impensável para as gerações anteriores.

O fenômeno da internet também é positivo porque nos dá acesso fácil e rápido a volumes de informações sem precedentes. Enquanto escrevo este artigo, tenho acesso a diversos livros antigos sobre puritanismo, a artigos acadêmicos e a pesquisas, tudo isso em uma única plataforma digital. Esses

⁷⁰ SMITH, *Imagining the Kingdom*, p. 142.

⁷¹ *Ibid.*, p. 143.

recursos seriam praticamente inacessíveis, caros e difíceis de encontrar na forma impressa. Por isso, devido ao enorme conteúdo disponível na base de dados virtual, as pesquisas acadêmicas tornaram-se mais rápidas e eficientes.

Ferramentas digitais também são plataformas úteis para comprar e vender produtos. Uma pesquisa realizada em 2000 apontou que somente 22% dos americanos faziam suas compras pela internet. Curiosamente, outra pesquisa feita em 2015 aponta que

aproximadamente 8 em cada 10 americanos fazem compras pela internet: 79% fizeram compras on-line de qualquer tipo, enquanto 51% compraram algo usando um telefone celular e 15% fizeram compras seguindo um link de alguma rede social.⁷²

A participação pública e gratuita da população em assuntos relacionados à sua cidade, ao país e ao planeta sem intermediários como jornais, editoras e similares também é um avanço notável proporcionado pelas tecnologias digitais. Por exemplo, quando alguém deseja expressar sua opinião, seja por escrito, por áudio ou por vídeo, essa pessoa precisa somente ligar seu smartphone e publicar suas convicções políticas, sociais, espirituais ou artísticas no Facebook, Twitter, Instagram ou YouTube. Devido a esse potencial revolucionário e democrático de comunicação, surgiram novos profissionais chamados “YouTubers”. Eles criam conteúdo e são pagos pelo YouTube de acordo com o alcance de suas publicações.

Em geral, as tecnologias digitais são ferramentas rápidas que vieram para ficar. Por mais que tenhamos restrições ao uso indevido da virtualidade ou mesmo em relação ao seu poder de distração, devemos ser cautelosos ao compará-la a um vício. Sherry Turkle aponta que a analogia entre telas e drogas cai por terra devido a outros motivos. Só há uma coisa que você deve fazer se faz uso de heroína: parar de usar heroína. Sua vida está em jogo. Porém, notebooks e celulares não são coisas que devem ser eliminadas. “Elas são fatos da vida e fazem parte de nossas vidas criativas. O objetivo é utilizá-los com melhores intenções”.⁷³

Apesar de a internet e os dispositivos digitais oferecerem diversas vantagens, estudiosos apontam diversos efeitos colaterais. Dividirei essas desvantagens em três categorias: pensar, relacionar-se e agir. Primeiro, os psicólogos do desenvolvimento mostraram os efeitos de diferentes tipos de mídia na inteligência e na capacidade de aprendizado das pessoas. Patricia

⁷² SMITH, Aaron; ANDERSON, Monica. *Numbers, Facts and Trends Shaping the World: Online Shopping and E-Commerce*. Washington, DC: Pew Research Center, 2015, p. 2. Disponível em: <https://www.pewinternet.org/2016/12/19/online-shopping-and-e-commerce>. Acesso em: 24 abr. 2019.

⁷³ TURKLE, *Reclaiming Conversation*, p. 216.

Greenfield, por exemplo, afirma que “toda mídia desenvolve algumas habilidades cognitivas à custa de outras”. Ela acredita que a internet e outras tecnologias baseadas em telas levaram a “um desenvolvimento amplo e sofisticado de habilidades visuais-espaciais”. No entanto, nossas novas habilidades em inteligência visual-espacial andam de mãos dadas com o enfraquecimento de nossas capacidades para o tipo de processamento profundo que desenvolve “a aquisição de conhecimento consciente, a análise indutiva, o pensamento crítico, a imaginação e a reflexão”.⁷⁴ Da mesma forma, os neurocientistas afirmam que a constante mudança de nossa atenção quando estamos on-line pode tornar nosso cérebro mais ágil quando se trata de realizar várias tarefas simultaneamente, mas o aprimoramento dessa capacidade realmente dificulta nossa capacidade de pensar de maneira profunda e criativa. Em outras palavras, o que fazemos quando realizamos várias tarefas simultaneamente é aprender a sermos habilidosos em um nível superficial.⁷⁵ Carr conclui que

Em outras palavras, a rede está nos tornando mais inteligentes apenas se definirmos a inteligência pelos próprios padrões da rede. Se adotarmos uma visão mais ampla e tradicional da inteligência – se pensarmos mais na profundidade do nosso pensamento do que apenas na velocidade – devemos chegar a uma conclusão diferente e consideravelmente mais sombria... É mais provável que você confie em ideias e soluções convencionais em vez de desafiá-las com linhas de pensamento originais.⁷⁶

Em segundo lugar, Turkle acredita que nossos hábitos virtuais têm prejudicado os relacionamentos, sejam eles individuais ou comunitários. De início, ela menciona como nossos momentos de solidão foram desafiados pelo nosso hábito de olharmos para nossas telas em vez de olharmos para dentro de nós mesmos. Sem a solidão, Turkle argumenta que não podemos construir um senso estável de nós mesmos: “Somente quando estamos sozinhos com nossos pensamentos – não reagindo a estímulos externos – é que envolvemos essa parte da infraestrutura básica do cérebro dedicada à construção de um senso de nosso passado autobiográfico estável”, ela observa. A solidão também é relevante para nossos relacionamentos, pois nos permite “interagir com outros e enxergá-los como separados ou independentes. Você não precisa que eles sejam outra coisa senão quem são”. Portanto, se as crianças sempre tiverem estímulos externos, elas não elaboram a solidão. Turkle conclui:

⁷⁴ GREENFIELD, Patricia M. “Technology and Informal Education: What Is Taught, What Is Learned”. *Science* 323, n. 5910 (2009): 69-71. Ver também CARR, *The Shallows*, p. 141.

⁷⁵ CARR, *The Shallows*, p. 140-41. JACKSON, Maggie. *Distracted: The Erosion of Attention and the Coming Dark Age*. Amherst, NY: Prometheus, 2008, p. 79-80.

⁷⁶ CARR, *The Shallows*, p. 141. Ver também TAPSCOTT, Don. *Grown Up Digital*. New York: McGraw-Hill, 2009, p. 108s.

Por isso, hoje não ficamos surpresos quando um jovem fica ansioso longe de seu celular. É provável que ele reclame que está entediado. Desde muitos novos, os jovens foram atraídos por jogos estruturados e pelos objetos brilhantes da cultura digital.⁷⁷

Turkle também aponta como realizar várias tarefas ao mesmo tempo é prejudicial para as relações em casa, com amigos ou parceiros.⁷⁸ No ambiente familiar, ela observa que crianças reclamam de ter que competir com smartphones pela atenção dos pais durante as refeições. “No jantar ou no parque, pais e crianças estão sempre nos seus celulares e tablets. Conversas que aconteciam pessoalmente migraram para o ambiente on-line”.⁷⁹ O mesmo aconteceu com as amizades. Turkle comenta que embora adolescentes tenham demonstrado dificuldade em se expressar pessoalmente, eles parecem ser exatamente o contrário na internet.⁸⁰ Ela usa a narrativa de uma menina do ensino médio para exemplificar esse paradoxo de relacionamento:

Amy quase não troca uma palavra com os garotos na escola ou em festas, mas corre para casa para conversar com eles na internet. Amy diz que, na internet, você pode ‘respirar’, relaxar e planejar o que você vai falar antes de enviar a mensagem.

Turkle explica que, para os adolescentes, conversas frente à frente podem sair do controle, ficarem chatas ou entediadas; no entanto, na internet, eles se sentem mais desinibidos. Portanto, os costumes sociais em torno dos telefones celulares mudaram a maioria das amizades para trocas de mensagens on-line.⁸¹

A tecnologia virtual também traz complicações significativas às conversas do romance moderno, resalta Turkle. Comentando sobre novos aplicativos que promovem o romance virtual, como o Tinder, ela observa que essas ferramentas incentivam o sentimento de que temos uma infinidade de opções de parceiros:⁸²

Elas oferecem um diálogo que muitas vezes não é um diálogo, porque não é incomum que as pessoas conversem pela internet com uma equipe de escritores... Isso também é uma falsa promessa. É fácil pensar que, se você se sente próximo de alguém por causa de suas palavras em uma tela, você entende a pessoa por trás dela. De fato, você pode ter vasto conhecimento sobre muitas coisas, mas não o conhecimento que vem de ter uma conversa com alguém pessoalmente.⁸³

⁷⁷ TURKLE, *Reclaiming Conversation*, p. 61s.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 59-102 (solidão e auto-reflexão), 103-210 (família, amizade e romance), 211-292.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 105.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 141.

⁸¹ *Ibid.*, p. 142.

⁸² *Ibid.*, p. 180.

⁸³ *Ibid.*, p. 181.

Em terceiro lugar, a virtualidade também desempenha um papel negativo em relação à ação, particularmente em nossa maneira distraída de trabalhar. Usando os exemplos dos advogados, Turkle expõe o conceito de produtividade adotado por jovens profissionais. Para muitos, produtividade é “sentar em frente ao computador, redigir e-mails e organizar coisas; e é isso que nos torna produtivos”. Em contrapartida, ela defende uma causalidade mútua entre sociabilidade e produtividade dos funcionários. Para ela, conversas frente à frente levam à maior produtividade e menos estresse. Por exemplo, “centrais de atendimento são mais produtivas quando os funcionários fazem pausas juntos; equipes de software criam programas com menos bugs quando conversam mais”. Portanto, ela ressalta que nossas interações com outras pessoas nos ajudam a promover novas ideias, desenvolver a originalidade e tornar o local de trabalho mais agradável.⁸⁴

Turkle também destaca os pontos fortes e as limitações do ativismo on-line. Por um lado, ela concorda com o potencial da mídia social em sensibilizar a população para causas políticas e até como um recurso paralelo à mídia tradicional. Por outro, ela menciona como somos tentados a “esquecer a importância da organização, da disciplina e da conversa frente à frente na ação política”. Ela continua: “A política ainda precisa de reuniões que realmente sejam reuniões. Ela ainda precisa de conversas que exijam ouvir, conversas em que você esteja preparado para aprender que uma situação é mais complexa do que você pensava”.⁸⁵ Embora a mobilização virtual tenha um papel importante na maneira atual de se fazer política – conectando pessoas, levantando recursos e dando voz ao povo –, ela não muda a política sozinha. Dessa forma, manter um ativismo on-line desconectado de reuniões, conversas e estratégias presenciais é algo ilusório.

3. DISCIPLINAS DIGITAIS

É possível santificar a tecnologia digital? À luz dos princípios reformados que devem guiar a vida cotidiana e das vantagens e desvantagens apresentadas por estudos recentes, nesta última seção sugiro que o uso da tecnologia digital pelos cristãos requer hábitos de resistência e hábitos de intencionalidade. Devido à falta de neutralidade e ao poder difundido da tecnologia sobre esta geração, é impreterível resistir ao controle formativo que as ferramentas digitais exercem sobre nós. Além disso, o uso intencional da tecnologia digital dentro dos parâmetros da glória de Deus, o bem comum e o uso litúrgico do tempo permitem que os cristãos se envolvam com essas ferramentas de forma legítima.

Smith aponta que usuários de tecnologia podem facilmente subestimar o poder “(de)formativo” dessas ferramentas, envolvendo-se ingenuamente,

⁸⁴ Ibid., p. 250-53.

⁸⁵ Ibid., p. 295-298.

pensando que são os donos da tecnologia quando, na verdade, é a tecnologia que, lentamente, os domina. As mídias sociais, apesar de seus benefícios, podem se tornar o que ele chama de “liturgia desordenada”. Habitar o mundo das mídias sociais significa seguir suas regras.⁸⁶ Inscrever-se no Twitter ou no Facebook, por exemplo, não é “uma decisão neutra de simplesmente empregar um ‘meio’: é se inserir em um ambiente de prática que impõe a nós certos hábitos que moldam nossa visão do mundo – na verdade, eles *criam* nossos mundos”.⁸⁷ Devido a esse *ethos* implícito das tecnologias digitais, os cristãos precisam desenvolver o que Justin Earley chama de “hábitos de resistência”.⁸⁸

Em minha opinião, há pelo menos três tentações às quais os cristãos devem resistir em sua relação com a tecnologia. Primeiro, devemos resistir ao que chamo de tentação da onipresença; segundo, é vital combater a tentação da autoexibição; e, finalmente, sugiro resistência contra o uso ocioso e viciante da tecnologia virtual.

Onipresença. De acordo com Earley, “quando tentamos estar presentes em todos os lugares, acabamos não estando presentes em lugar nenhum”. Plataformas digitais, devido à sua natureza, nos convidam a nos envolvermos com diversas tarefas simultâneas. Apesar da relativa produtividade e velocidade que isso pode nos proporcionar, o hábito de nos envolvermos com diversas tarefas simultaneamente pode nos fazer acreditar que podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo. Earley sugere que “é por isso que devemos estar atentos ao uso que fazemos de nossos smartphones. O smartphone é uma ferramenta que nos permite muitas coisas, mas que nunca multiplicará nossa presença”.⁸⁹ De fato, as evidências mostram que aqueles que sucumbem à suposta onipresença inerente às tecnologias digitais acabam vivendo uma “existência fragmentada”. Earley explica:

Pense em todas as maneiras como hoje usamos nossos smartphones para fragmentar nossa presença: trabalhamos durante as férias, verificamos e-mails em um encontro, mandamos mensagens eróticas para alguém que nunca encontraremos, atendemos chamadas enquanto brincamos com nossos filhos, interrompemos o jantar com notificações de notícias, postamos um conflito em vez de conversar com alguém sobre isso, tiramos fotos de pessoas angustiadas em vez de ajudá-las, tiramos fotos de alguém sem o seu consentimento, assistimos a vídeos de alguém que não quer ser visto, expomos nossa vida em um mural para “estar com todos”, exceto com as pessoas que realmente estão ao nosso lado. Esses são exemplos de presença “fragmentada”, e eles são muito prejudiciais, tanto para nós quanto para o nosso próximo.⁹⁰

⁸⁶ SMITH, *Imagining the Kingdom*, p. 148.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 144.

⁸⁸ EARLEY, *The Common Rule*, p. 64.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 66.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 66-7.

Autoexposição. Os cristãos também são tentados a viver no que eu chamo de “idolatria da autoexposição”. Indo contra a busca da glória de Deus ou do bem comum, muitos usuários da internet dedicam sua vida a conseguir likes no Facebook, Instagram, Twitter, ou visualizações em seus canais no YouTube. O próprio mecanismo das mídias sociais nos tenta a identificar nosso valor como seres humanos a partir do número de *visualizações, curtidas e compartilhamentos* de nossos textos, fotos ou vídeos. Como Smith menciona, vivemos em uma era governada por um individualismo expressivo. Entretanto, com a expansão das mídias sociais, parece que “todo espaço é um espaço de ‘autoexposição mútua’”. Como resultado, todo espaço é uma espécie de câmara de eco visual. Não somos mais vistos fazendo algo; estamos fazendo algo para sermos vistos”.⁹¹ Portanto, para a saúde de todos, especialmente para manter uma espiritualidade cristã saudável, devemos resistir à tentação de viver nossas vidas em uma busca idólatra por likes, visualizações e compartilhamentos.

Ociosidade e vícios. Adultos americanos gastam mais de 11 horas por dia assistindo, lendo, ouvindo ou simplesmente interagindo com mídias sociais.⁹² Parece inevitável não passarmos tanto tempo usando tecnologias digitais – alguns “ambientes de trabalho virtuais”, por exemplo, exigem praticamente 100% do tempo de seus funcionários dedicados a essas tecnologias. Agora, deixando de lado o uso profissional da tecnologia digital, é perceptível que nossa interação com o mundo digital pode facilmente se tornar tempo investido em coisas insignificantes. Smith chama essa inclinação das mídias de “pedagogia da insignificância”. Ele aponta que a vida virtual parece carregar uma narrativa sobre o que é realmente importante para a vida. Contra essa ética virtual, Smith sugere que o que as mídias chamam de “essencial” é, na verdade, tempo desperdiçado com coisas superficiais.

E enquanto habitamos esses mundos virtuais – clicando por aí, atualizando nossos “status” a cada cinco minutos e verificando os dos outros, afixando postagens em nossos murais, distribuindo “likes” para os outros verem – somos lenta e secretamente incorporados a um corpo político que tem a sua própria visão do florescimento humano: conexões rasas para autogratificação e autocongratulação instantâneas. E tudo isso acontece justamente porque não paramos para pensar sobre isso.⁹³

Devido ao seu potencial escravizador e de superficialidade do mundo virtual, os cristãos também devem resistir à tentação da ociosidade e do vício

⁹¹ SMITH, *Imagining the Kingdom*, p. 146.

⁹² KATSINGRIS, Peter. *The Nielsen Total Audience Report, Q1 2018*. New York: The Nielsen Company, 2018, p. 4. Disponível em: <https://www.nielsen.com/content/dam/corporate/us/en/reports-downloads/2018-reports/q1-2018-total-audience-report.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2019.

⁹³ SMITH, *Imagining the Kingdom*, p. 148.

em tecnologia. Para santificar todas as nossas atividades da vida cotidiana, é crucial abraçar uma teologia cristã do tempo. Segundo os reformadores, nosso tempo precisa ser vivido e administrado como adoração; ou seja, todos os nossos atos rotineiros (acordar, orar, estudar, trabalhar, comer, conversar, descansar, etc.) funcionam como atos litúrgicos que expressam nosso amor e devoção a Deus.

A meu ver, parece que um “jejum virtual” ou uma “dieta virtual” sejam essenciais para equilibrar nossa liturgia cotidiana. Earley sugere três disciplinas que podem nos ajudar a lidar com o potencial de distração dos smartphones. Primeiro, ele nos instrui a desligar nossos telefones na presença de amigos e familiares. Em suas palavras, “precisamos reconhecer que nossos telefones são cuidadosamente projetados para captar nossa atenção”. Por esse motivo, “temos que nos esforçar para controlá-los, porque eles não se controlam, e adorariam nos controlar”.⁹⁴ Em segundo lugar, Earley nos incentiva a desligar nossos telefones no trabalho. Na era dos smartphones, a capacidade de resistir à distração não está apenas se tornando “a habilidade profissional mais importante”, diz ele, “mas também é uma questão de amarmos ou não o nosso próximo por meio de nosso trabalho”. Por fim, Earley sugere que desliguemos nossos telefones para buscar o silêncio. Como psicólogos afirmaram, ele defende que nossa dificuldade com períodos de solidão está relacionada ao desconhecimento de quem nós somos. Ele diz: “Ficar pacificamente em silêncio requer conhecer sua alma, saber quem você realmente é e estar fundamentalmente bem e em paz com isso. É exatamente por isso que o evitamos; não sabemos quem realmente somos”.⁹⁵

Entretanto, resistir ao poder das tecnologias digitais não é suficiente. Para desenvolver um engajamento saudável com o mundo virtual, é necessário articular nosso relacionamento com essas ferramentas a partir dos parâmetros da glória de Deus e do bem comum. Antes de tudo, é necessário reconhecer que a internet está, por exemplo, recheada de informações contrárias a Deus e ao bem comum. As evidências mostram que as mídias sociais podem nos levar a competir por popularidade com nosso próximo ou simplesmente porque pensamos que nossa crença é a certa. Infelizmente, a atmosfera virtual é permeada diariamente de publicações de conteúdo sexual, agressivo e discursos de ódio. Pessoas que parecem inofensivas mostram seus lados obscuros quando estão por trás da tela de um smartphone. Como elas “se sentem seguras” na atmosfera on-line, algumas pessoas mostram comportamentos inacreditáveis – talvez até para si próprias.

⁹⁴ EARLEY, *The Common Rule*, p. 67s.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 73.

Para enfrentar esse problema, os cristãos devem usar tecnologias digitais com propósito. Acredito que as ferramentas virtuais podem ser produtivas se utilizadas sem excesso e para dois propósitos dignos: para a glória de Deus e para o bem comum. Um princípio que pode ser promissor para esse envolvimento construtivo é que, a fim de santificar suas atividades virtuais, os cristãos podem criar mais conteúdo em vez de somente consumi-lo. Ser um criador de “conteúdo santo” na internet pode ser descrito de vários modos. Devemos nos perguntar: “Como posso glorificar a Deus e beneficiar outras pessoas utilizando a internet?” Em termos de produção de vídeo, respostas a essa pergunta podem ir desde a criação de um canal no YouTube para compartilhar a palavra de Deus até ensinar alguém a fazer uma torta de maçã. Independentemente do conteúdo, o que vai torná-lo legítimo é a busca da glória de Deus e do bem comum.

Para redes sociais mais focadas em fotos, como o Instagram, os cristãos podem expor menos seus corpos e mais as suas ideias e valores por meio da arte, ou por meio de algo que, de alguma forma, nos leve a pensar no bem do próximo e na elevação de Deus. De fato, nunca foi tão importante pensar na exortação de Paulo para glorificar a Deus com nosso corpo do que atualmente, nos tempos digitais (1Co 6.20). Apesar de não substituírem o poder e o valor dos livros, as plataformas digitais são ferramentas valiosas para publicar nossas ideias e reflexões sobre diversos assuntos, bem como testemunhos sobre nossa jornada espiritual. Os conselhos de Paulo se aplicam a essa nova realidade: “julgai todas as coisas, retende o que é bom; abstende-vos de toda forma de mal” (1Ts 5.21-22).

Finalmente, nosso entretenimento virtual precisa ser intencionalmente orientado. Nosso lazer individual não pode ser o único ato litúrgico de nossa vida; caso contrário, torna-se idolatria. O entretenimento legítimo deve ser incentivado na medida em que faz parte do todo. Uma boa liturgia da vida cotidiana implica períodos de silêncio e solidão, oração, conversas espirituais e construção de relacionamentos, trabalho árduo, cuidados com o corpo, descanso, sono e coisas do gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, argumentei que a doutrina reformada da vida comum continua sendo um princípio promissor a ser aplicado aos recentes desafios da vida virtual. Apresentei as razões, os objetivos e a metodologia básica que os puritanos ingleses ofereceram em seu tempo para um engajamento santo com a vida ordinária.

No geral, as ferramentas digitais são benéficas como expressões da criatividade humana, mas também possuem um *ethos* poderoso e intrínseco que pode prejudicar nossa maneira cristã de viver no mundo. Para lidar com esse problema, defendi uma resistência digital necessária para evitar alguns vícios naturais dessa plataforma e ofereci parâmetros para o uso cristão intencional das tecnologias digitais.

Ainda temos um longo caminho pela frente no que diz respeito ao nosso engajamento com o mundo virtual. Futuras pesquisas podem enfocar como a vida digital não deve controlar nosso modo de ser no mundo tendo como pressuposto que a ética cristã é baseada na encarnação, e não na abstração imposta pela virtualidade (1Jo 1.1-4). Deus nos chama para viver em um mundo onde devemos colocar Cristo no centro de tudo, atentando para o modo como ele viveu como nossa maior inspiração. Vivemos para ele, para o bem comum, e não para nós mesmos ou para nossos próprios interesses.

ABSTRACT

This article aims to answer the following question: How should Christians engage with digital technologies? The author argues that the doctrine of ordinary life developed by the Reformers remains promising when applied to the recent dilemmas of the digital age. First, the article introduces the Reformed doctrine of vocation designed for holy interaction in the world. Then the author defines the concept of digital technology and presents the challenges imposed by it. Finally, the author suggests some digital disciplines to guide the Christian use of digital technologies intentionally. In general, the author recognizes the usefulness of digital technologies as expressions of human creativity, without being naive in the face of their dangerous and idolatrous potential.

KEYWORDS

Common life theology; Doctrine of Christian vocation; Technology; Digital technologies; Christian life; Reformed worldview.